www.observatoriodacritica.com.br

Tréplica de Marcelo Coelho a Flora Süssekind

Blog Marcelo Coelho – Folha Online
06/05/2010 às 00:47

Disponível em:
http://marcelocoelho.folha.blog.uol.com.br/arch2010-05-01_2010-05-31.html
Acesso em 20 maio. 2010.

Flora Sussekind e a crítica

Por Marcelo Coelho

A crítica literária Flora Sussekind lançou uma forte peça polêmica (veja no Globo online) intitulada "A crítica como papel de bala". O "gancho", como se diz em jornalês, foram os elogios póstumos a Wilson Martins, que durante décadas assinou um rodapé literário no Globo, além de ter sido o autor da famosa "História da Inteligência Brasileira", entre outros volumes. Concordando-se ou não com as opiniões e o modo com que Wilson Martins encarava a função da crítica, o fato é que ele produziu muitíssimo, e acompanhou o tempo todo os lançamentos literários no Brasil.

Pois bem, Flora Sussekind começa assinalando dois aspectos dessa espécie de onda póstuma de elogios a Wilson Martins.

O primeiro é que a nostalgia –"não há mais críticos assim no Brasil"—evidencia "o apequenamento e a perda de conteúdo significativo da discussão crítica, assim como da dimensão social da literatura no país nas últimas décadas". Verdade. Se por últimas décadas entendemos os últimos 40 anos, a TV, e não o romance, ocupou essa "função social" de ficcionalizar o país para o público; o cinema, com altos e baixos, também.

Mas aí vem o segundo aspecto notado por Flora Sussekind na "wilsonmania". É a hegemonia cultural do conservadorismo, que (cito a autora)...

...envolve desde o retorno às figuras todo-poderosas do especialista monotemático, do agenciador com capacidade de trânsito institucional e do colecionador de miudezas, às interlocuções preferencialmente de baixa densidade dos minicursos e palestras-espetáculo, do universo das regras técnicas e das normas genéricas e sub-genéricas, fixadas acriticamente em oficinas de adestramento, à glamorização midiática de instituições autocomplacentes como a Academia Brasileira de Letras e correlatas, a formas variadas de culto a personalidades literárias, em geral mortas (e Clarice Lispector, Leminski, Ana Cristina Cesar têm sido objeto preferencial de dramaturgias miméticas, curadorias acríticas, ficções e comentários "à maneira de"), mas também em vida veem-se autores, mal lançados em livro, se converterem em máscaras que, com frequência, os aprisionam em marcas registradas mercadológicas de difícil descarte. Como se tornou,a meu ver, a trajetória tão distinta de Marcelo Mirisola e Patrícia Melo, para ficar em dois exemplos cuja produção poderia ir bem além do exercício automimético.

Se estou contando bem, são oito fenômenos distintos que se juntam sob o mesmo guarda-chuva conceitual. Valeria a pena ir com um pouco mais de calma aí. A impressão que dá é que Flora Sussekind resolveu fazer uma lista de tudo o que ela desaprova e buscar uma explicação "cultural-ideológica" para o problema. O resultado, como costuma acontecer nesses balanços gerais da situação cultural do tempo, fica muito vago. Se é para criticar de fato, fica difícil fazer isso sem dar nomes próprios e exemplos concretos. Claro que nem sempre é conveniente apontar o dedo para os bois certos, mas não há alternativa. Leio o texto mais de perto.

Problema no. 1, segundo a autora: "o retorno às figuras todo-poderosas do especialista monotemático, do agenciador com capacidade de trânsito institucional e do colecionador de miudezas";

Mas quem são essas figuras, como, quando, onde? Haveria problema no fato de um crítico se especializar, sei lá, na vida e na obra de Olavo Bilac ou de Sousândrade? Estaríamos "retornando", com isso, a um passado indesejável? Ou é simplesmente a continuidade de uma tradição em pesquisas universitárias que, por certo, não preenche as necessidades todas de uma intervenção real da crítica na literatura contemporânea, mas não deixa de ter sua utilidade específica?

E há, naturalmente, "o agenciador com capacidade de trânsito institucional". Tem gente que se especializa nisso –consegue

financiamento para colóquios, insere articulistas em revistas acadêmicas estrangeiras, julga a concessão de bolsas e prêmios em concursos... Bem, mas se isso aparece mais agora, ou "retorna", no dizer de FS, é meramente sinal, eu acho, de uma maior institucionalização da vida literária –coisa que nunca impediu os lances de ruptura e rebeldia, seja com os "beats" nos Estados Unidos, seja com os surrealistas na França.

"Colecionador de miudezas"—certo, isso existe, mas será que é isso o que está ocupando o lugar da crítica relevante nos jornais e na vida literária em geral?

Problema no. 2- intervenções de baixa densidade em cursos e palestras. Com certeza, pode ser desperdício ver um grande talento crítico se esfalfar em palestras para um público mais geral, que às vezes nem leu a obra que o crítico está explicando. A questão do "retorno financeiro" oferecido por instituições como Casa do Saber e congêneres deve ser abordada. Quanto um jornal paga por um artigo, quanto a Casa do Saber paga por uma série de palestras? Sem contar os profissionais das viagens, concursos, bienais do livro... Mas não é impeditivo que se dê palestras e se faça coisas de mais densidade também.

Problema no. 3- a glamurização midiática de instituições como a ABL. De fato, notícias sobre a Academia Brasileira de Letras são bem mais frequentes agora do que há vinte ou trinta anos. Notícias sobre saraus e bibliotecas na periferia também. O problema está na falta de qualidade do que se escreve em geral, não na glamurização –que em outros tempos nunca foi pequena em se tratando de autores como, digamos, Hemingway ou Thom Gunn, Roland Barthes ou Oscar Wilde... o que nos leva ao

Problema no. 4- culto a Clarice, culto a Ana Cristina Cesar. Sim. Culto a Adorno, culto a Faulkner, culto a Rilke, culto a Dickens... Faz parte, com ou sem babaquice.

Problema no. 5- autores que viram marca registrada, como Marcelo Mirisola ou Patrícia Melo (pelo menos dois nomes foram citados!). Bem, muitos outros autores se repetem, fazem automimetismo. Exemplos: Nelson Rodrigues, Dalton Trevisan. O problema não está aí, nem é recente. Fernando Pessoa escreveu "à maneira de Fernando Pessoa", Verlaine "à maneira de Verlaine".

Em resumo, para falar de modo um pouco "conservador", o problema é mais da qualidade do que se escreve e critica, do que de algum tipo de fenômeno identificável pela sociologia cultural intuitiva –que costuma ver nos fatos A, J, K e L sintomas do processo geral Y –mercantilização da cultura,

decadência moral do Ocidente ou o que quer que seja. Não nego que haja razões sociais precisas para A, J, K e L. Mas não dá para ir tão depressa.